

Uma Volta ao Mundo em Dez Contos

Abel de Andrade Nunes



Ficha técnica

Título: Uma Volta ao Mundo em Dez Contos

Autor: Abel de Andrade Nunes

Design e paginação: Editora Alma Letra

www.almaletra.pt

www.facebook.com/AlmaLetraEdicoes

info@almaletra.pt

ISBN: 978-989-53354-8-0

2ª edição, Viseu, junho 2024

Depósito legal: 513558/23

*Aos meus filhos Jimmy e Kelly
e ao meu neto Leon*

Índice

Nota de Abertura	7
Lobos, Ovelhas e Pastores	11
Guatemala, num verão de fins do século XX	145
Verão de 2007, Lhasa-Tibete	195
Região Militar de Catió, sul da Guiné (meados da década de 60) Nem Guerra, nem Paz	217
O Rouxinol e o Imperador da Etiópia	227
Um Pato na Avenida	259
Uma Aldeia na Cidade	283
“A Sacristana”	299
Progresso entre Aspas	411
A Casa dos Velhos	459

Nota de Abertura

Mal equipado de paisagem para servir de miradouro, o Vale do Dão não aconchega no bojo os que anseiam por esquadrinhar o mundo para lá do horizonte limitado que a geografia lhes impõe. Então partem, e a Lapa, o Caramulo e a Estrela não lhes podem barrar o caminho.

Eu sou um dos muitos que saíram à procura de outras fontes do saber em que o Vale não era pródigo. Mas voltei sempre, depois de ter navegado os maiores rios e atravessado as montanhas mais altas do mundo. E nos cantos mais remotos do planeta, desde os seringais do Acre, no Amazonas, até aos arrozais da Índia e Indochina, encontrei sempre explorados e exploradores, lordes e servos e situações trágicas onde a injustiça se compraz em prevalecer. Felizmente, nem sempre a injustiça e a vileza se enquadram na ordem natural das coisas.

Para os Emirados, o casamento legal de meninas virgens, cujo preço possibilita ao pai, no Delta do Nilo, o acesso a uma motorizada para se deslocar na procura de trabalho, ou uma nova tentativa de cultivo de uma seara que o Nilo não fertilizou a preceito no ano anterior, talvez devido à Barragem de Assuão que empobreceu as terras de aluvião no Delta, é visto com horror por muita gente de bem.

As “babushkas” de Moscovo e Petrogrado, obrigadas a vender flores silvestres nas ruas, como suplemento para uma pensão mínima, logo insuficiente, juram-me a pés juntos que ou a Duma lhes dá ouvidos, ou trepam os muros do Kremlin. E não deixavam de rir quando lhes ofereci as flores que lhes tinha comprado minutos antes.

Os meninos da rua, que mendigavam no cais de Iquitos

sempre encharcados pelas chuvas torrenciais que não davam tréguas, quedaram-se pensativos ao garantir-lhes que um dia o sol também nasceria para eles. E o mais velho, descalço, camisa encardida e lesões nos joelhos, replicou com uma voz frágil, pouco segura:

— Talvez um dia mais tarde...

Os pescadores furtivos do Mar Cáspio, que se arriscam a longas penas de prisão quando apanhados a contrabandear esturjão ou caviar nos poucos restaurantes de Baku, desculpavam-se com o argumento "...sem parentes, ou conhecidos na indústria do petróleo, como pode um homem e a família sobreviver?". E o autor destas linhas, sem uma centelha de remorso, antes ou depois da refeição, aceitou de bom grado a sugestão do empregado de mesa que lhe serviu uma posta grelhada do famoso peixe, com arroz e hortaliça, pela módica quantia de cinco dólares. O caviar, servido como aperitivo, sabia pior que ovas de pescada. Talvez porque estava cru...

Os "gavroches" das medinas de Mequinez e Marraquexe, guias e senhores da topografia local onde os intrusos como eu, depois de entrarem nesses labirintos infundáveis, já não encontram a saída, dispensam a escola de currículo porque a pedagogia das vielas lhes facilita a sobrevivência com mais eficácia.

O Ibrahim, natural da região montanhosa de Zeghum, próxima deste centro industrial de curtumes, cobrava-me dois dólares cada vez que me guiava até à loja de um mercador de especiarias, com quem passava horas na soleira da porta a jogar damas. No último dia, ao deixar-me na porta ocidental da Medina, dei-lhe mais um dólar e perguntei-lhe pelos pais. Desviou o olhar e encolheu os ombros.

O camponês do Laos, incapaz de suportar a família no pequeno lote que cultivava com a ajuda de um búfalo emprestado, arrisca-se a ficar inválido, como muitos outros, ao pisar uma *cluster bomb made in USA*, sempre que tenta adicionar uns m² de terreno ao seu arrozal.

A Joan, aluna do grau 10, com notas acima dos 75% e habilidade suficiente para ingressar na Universidade de Toronto em dois anos, foi-lhe dito pelo pai, português, que a família tinha necessidade de outro cheque semanal para a casa ficar paga mais depressa. A garota, afligida com a decisão paterna, implorou a intervenção do *Guidance Counsellor* que se encontrou com o Sr. Medeiros. Fez-lhe ver as vantagens de ter uma filha licenciada, o risco de ela sair de casa após completar 18 anos e o apoio que lhes podia dar na velhice.

— Ela tem as asas compridas e nunca se há de contentar com votos rasteiros... — depois adicionou — É um crime pôr esta rapariga a fazer limpezas com a mãe!

O Sr. Medeiros meneou a cabeça à procura de uma resposta que não encontrou. Contrafeito, teve que concordar com a lógica do pedagogo, a quem tratou por Sr. Doutor.

— Bom... talvez o senhor tenha razão, mas olhe que eu nunca fui à escola e tenho uma casa em Portugal e esta está quase paga!

A Joan voltou em setembro. No segundo semestre, a nota final passou os 80%.

Uma vez regressado às origens, equipado com um volume razoável de informação e conhecimento que obtive através de muitos anos de estudo e viagens sem roteiro nem guia, conclui que talvez fosse capaz de escrever uma série de contos, com personagens e locais diversos, se a memória me não atraíçoasse.

Mas em vez de gastar a tinta toda num relato fiel do que me foi dado observar fora de portas, decidi realçar também a realidade portuguesa, fora e dentro do país, no campo e na cidade, sem descurar o aspeto da emigração que nos toca de perto.

Seja na América Central, ou no Vale do Dão, os oprimidos, uma vez unidos e organizados, podem reduzir o nível de exploração.

Em alguns contos as mulheres ocupam lugar de destaque. Podem

ser vítimas das circunstâncias, mas não se rendem ao infortúnio. Estarem deserdadas da sorte não tem que ser uma patologia crônica. Que o digam as mulheres do Dão e do Douro!

Sendo Portugal uma sociedade de religião católica, não podia excluir a presença de sacerdotes nos contos. Mas nem todos os padres se preocupam só com o estado de espírito dos seus paroquianos. A justiça social faz parte da missão evangelizadora dos párocos progressistas. O Padre Zé do Vale do Dão, o Padre Manuel da Paróquia de Santa Marta, em Lisboa e o Padre Pablo da Guatemala são exemplos flagrantes de uma classe de sacerdotes para quem a saúde da paróquia não se limita ao estado da alma dos paroquianos. Claro que o preço a pagar por este desvio teológico pode ser muito caro!

Max Weber sugeria que a influência da religião católica era causadora de um certo grau de inércia que impedia o progresso, ao passo que as sociedades protestantes, imbuídas de uma ética capitalista, tendiam a avançar mais e melhor.

No Tibete, não seria de excluir a hipótese de vermos o progresso extraordinário da cultura chinesa, o espírito empreendedor do comerciante ou manufaturador Han dominar o espírito tradicionalista e religioso do tibetano comum, pouco adequado para se integrar num mundo moderno onde as forças do mercado não se compadecem com os mantras budistas.

Em suma, leitor amigo, a seguir deixo o que sei e penso das sociedades que conheço e visitei. É provável que certas linhas sofram de incoerência, ou falta de clareza. Sou aprendiz e intruso neste campo da literatura, onde nunca joguei. Mas como nunca me faltou a vontade de aprender, não se pode pôr de parte a hipótese de tentar de novo com um trabalho menor, mas melhor. O tempo o dirá.

Abel de Andrade Nunes

Lobos, Ovelhas e Pastores

O Padre Zé arredou a cortina da janela que dava para o lado norte do passal, inspecionou a paisagem à procura de qualquer coisa que o alentasse no início do que prometia ser mais um dia atarefado na paróquia, mas nada tinha mudado desde a noite anterior, quando, depois de horas a fio encafuado no confessionário, voltou para casa, cabisbaixo e deprimido, sem que um pardal ou melro lhe saísse ao caminho. Nem mesmo a carriça, tagarela e solitária por natureza, embrenhada nos arbustos que ladeavam o muro do adro, onde havia assentado arraiais desde a primavera, deu um ar da sua graça.

E tão acabrunhado estava à mesa, que a irmã perguntou-lhe se as confissões, traumatizantes como sempre, lhe tinham tirado o apetite para a ceia. Não respondeu e atirou-se ao caldo de couves com puré de batata e cabeça de nabo, onde migou uns pedacitos de centeio. A seguir, pediu a almotolia e decorou a superfície da sopa com rodela de azeite, à semelhança do que lhe fazia a mãe quando ainda garoto e seminarista em Viseu, passava as férias na aldeia natal.

Deixou a janela levemente aberta, despejou metade do jarro na bacia de esmalte branco e lavou a cara. Antes de abotoar a batina, exercício interminável que não raro lhe provocava um certo grau de azedume, já a Ana o chamava para a cozinha, onde a tigela de café de cevada o esperava ao lado de duas fatias de centeio e queijo cabreiro.

— Dormiste bem?

— Nem por isso. Acordei a pensar na situação penosa em que vive a nossa paróquia. Não tenho recursos para nada a não ser confortar

as mulheres que me chegam ao confessionário e se queixam da bruteza dos maridos, da fome e frio que as crianças passam e da falta de energia para enfrentarem o dia a dia que as leva ao desespero. Ontem, uma ameaçou lançar-se ao rio e só a custo consegui convencê-la a mudar de ideias, quando lhe perguntei o que seria das sete crianças entregues a um pai bêbado e pouco saudável. Chorou um bocado, pediu-me perdão e mandei-a em paz, como se tivesse cometido um pecado mortal...

A Ana não respondeu, mas ficou pensativa.

— Liga lá o rádio, a ver se dizem alguma coisa da Coreia!
— pediu à irmã.

— O noticiário já acabou, mas o que eu ouvi foi que aquele general (como se chama ele?) continua a puxar os comunistas para norte e que a vitória está perto.

— São todos iguais, sejam comunistas, capitalistas ou fascistas. Há uma minoria no topo, que vive à tripa-forra e o resto apanha os miolos que vão caindo da mesa! — pausou — Não sei porquê, mas este queijo de cabra está-me a saber melhor que das outras vezes. Quem to deu?

— A tia Maria Palhoça, aquela pobre de Cristo a quem enterraste o menino há oito dias.

— E hoje vou enterrar-lhe um sobrinho, criança maravilhosa, tão esperto e bonito que era o garoto. Ninguém sabe de que morreu. A mãe, coitada, lavada em lágrimas queixa-se que não compreende porque Deus lhos leva.

— E como é que lhes respondes?

— Eu? O que é que hei de dizer? Uma vez, todo filósofo, argumentei que talvez estes anjinhos todos que vamos enterrando façam falta no Paraíso para alegrar os muitos milhões de residentes para quem não há entretenimento que chegue... — encarou a irmã, ocupada com as meias grossas de lã postas a secar ao lado do fogão de ferro — E sabes o que me respondeu ela? Que era mais justo que Deus os levasse logo à nascença, como acontecia com a tia Bárbara que dos cinco que perdeu

nenhum chegou a fazer um ano de vida!

A Ana esticou as peúgas que levou às faces para se certificar que estavam secas, ugoou-as e colocou-as à frente do irmão, agora prestes a terminar o pequeno-almoço. Este levantou-se com as peúgas na mão, tomou-lhes o peso e começou por calçar uma enquanto dizia, à laia de comentário:

— A mãe sacrificou a tua vida por minha causa e às vezes pergunto-me se valeu a pena...

Ela esboçou um sorriso travesso antes de lhe aliviar a carga do remorso.

— Prefiro aturar um irmão padre, que não é exigente, do que um marido bêbado e uma catrefada de filhos, cada um a berrar por seu lado... — e riram-se.

Calçou as botas, pôs o capote por cima da batina, dobrou a estola que meteu debaixo do braço e beijou a irmã com um “bem-hajas por tudo”. Lá fora já estava o sacristão, impaciente e desacorçoado com o estado de coisas que reinava na igreja.

— Venha depressa Senhor Padre, que os garotos já andam todos à porrada! Cada um diz que é a vez dele de pegar no caixão.

Ao entrarem no adro diz o pároco para o sacristão:

— Sabes Tonho, nenhum dia é bom para enterrar crianças, principalmente depois da Páscoa, quando o sol sai cá para fora e desafia a canalha para a brincadeira. Então aí o entusiasmo pela vida e pela profissão vai-se-me aos poucos! É só o desejo de servir que me aguenta de pé no meu posto. Os funerais no inverno sempre me custaram menos, como hoje, ventoso e de sobrolho carregado, sem uma réstia de sol que nos ilumine o caminho. Mas este garoto não devia ter morrido. Parecia destinado para a vida. A presença dele enchia uma casa de luz e alegria. Não faz sentido...

O sacristão tinha abrandado o passo para lhe dar ouvidos, mas não sabia como responder. Antes de chegarem à “porta dos homens”, no meio da algararra que vinha lá de dentro, ainda tentou por meias-

palavras apoiar o estado deprimente do pároco, mas tudo o que lhe saiu foi:

— Deus escreve direito por linhas tortas, como o Senhor Padre disse uma vez...

Encolheu os ombros num gesto de enfado e entrou na igreja a tempo de impedir que o fanfarrão local esganasse um miúdo mais pequeno que já tinha entalado entre os joelhos. Pegou-o por uma orelha, firme que nem uma torquês, e para gáudio de todos levou-o até à porta fundeira onde lhe aplicou uma estalada que ecoou até ao altar-mor. E lá o deixou a fungar, encostado à pia batismal. Mas pôs-lhe a mão no ombro antes de voltar para o altar de Santo António, onde o sacristão e os garotos negociavam a escolha dos que iriam levar o caixão até ao cemitério. O mais pequenito, ainda mal feito da sova que tinha levado do fanfarrão, queixava-se que nunca mais chegava a vez dele.

— Eu só fui uma vez, Senhor Padre... e já foi há bastante tempo! — o que levou um dos mais velhos a lembrar-lhe que nesse enterro, ao descerem o monte do lugarejo mais próximo, não aguentou com o peso (era um bebé gordo) e por causa dele o caixão caiu, abriu-se e o “anjinho” quase que saltava lá para fora, não fora o ti”Tonho a deitar-lhe a mão. Aqui o gaiato compreendeu que aquele incidente, que era do conhecimento público, comprometia-lhe as possibilidades de ser escolhido de novo, a não ser que...

— Ó Senhor Padre, o menino da tia Rabiça já está por pouco! Ontem nem a mama queria e está cada vez mais fraquito. Se ele morrer posso pegar no caixão? Não deve pesar muito... — adicionou, esperançado que o Pároco se deixasse levar pelo argumento.

Os outros garotos galhofaram abertamente perante a ousadia do petiz, que só desejava uma oportunidade para apagar aquela nódoa que figurava tão proeminente nas suas credenciais de cidadão exemplar e não raro lhe provocava dissabores quando algum mais provocador lhe atirava à cara o incidente do caixão que deixou cair, ao que ele invariavelmente respondia “foi um tamanco mal ferrado que me

escorregou no gelo!”

O Padre Zé só disse:

— Se Deus quiser, esse menino há de arribar! Agora tu — dirigia--se ao mais encorpado — vai à “casa da fábrica” e traz a cruz; tu, pega na campainha; e tu, leva a caldeirinha da água benta. — depois virou-se para o sacristão — Tonho, vai já para o campanário. Daqui a 10 minutos começa a tocar os sinos e não te enganes!

Apareceram mais crianças, garotos e garotas, uma vez que a professora havia cancelado as aulas naquela manhã. Dirigiram-se em procissão para o casebre da família pobre, cujo menino lindo como os amores, segundo comentários das velhas locais, havia sido levado por Deus na véspera. Ao contrário do que acontecia nos funerais de adultos, não havia carpideiras nem choros, à exceção da mãe que tinha passado a noite ao lado do menino morto e não parava de soluçar:

— Meu querido filhinho que nos deixaste tão cedo!

Estava exausta! Algumas vizinhas e familiares que a tinham acompanhado na vigília ajoelharam-se no chão térreo coberto de fetos e giestas, à chegada do pároco, que procedeu às orações rituais sem se deixar dominar pela emoção que a morte de uma criança lhe provocava.

O caixão, feito à pressa pelo carpinteiro local, que de má vontade deixou a mesa da “sucua” onde passara parte da tarde, resumia-se a uma caixa tosca de pinho, retangular, com a tampa presa por duas sogas curtas de couro velho. Como não encontrou a grosa para limar as esquinas do pequeno ataúde, usou a enxó para desbastar as arestas mais salientes daquele esquite primitivo de pinheiro resinado cujas dimensões podiam ser reduzidas para metade.

O carpinteiro jogava pelo seguro. “Antes sobrar que faltar” era a sua máxima, não obstante as críticas acerbas que lhe dirigiam as mulheres ao aconchegarem os pequenos corpos envoltos em trapos brancos descomunais, no meio dos caixões, para evitar que chocalhassem a caminho do cemitério.

Enquanto o pároco procedia com as cerimónias fúnebres, o

rafeiro do vizinho, num vaivém contínuo fora e dentro da quintã, soltava latidos pungentes sem se aproximar do limiar da porta. Os miúdos tentavam correr com ele atirando-lhe pinhas e carolos a que ele se esquivava com destreza, até que a professora ameaçou os prevaricadores com cinco reguadas em cada mão mal voltassem para a escola.

A seguir foi a vez de uma cabra irreverente entrar no pátio e com dois balidos seguidos violar a santidade do momento, provocando o fanfarrão que lhe aplicou um pontapé no traseiro. No pânico que se seguiu e impedida de escapar-se por onde entrou, uma vez que dois garotos já guardavam o portão, saltou o pequeno muro de pedra que isolava a pocilga e caiu no meio dos leitões, que alarmados com a presença súbita da intrusa, desataram aos grunhidos estridentes e simultâneos, forçando o pároco a uma breve pausa nos rituais.

Findos estes, coube ao sacristão designar os primeiros garotos que levariam o caixão até à fonte. Dali até ao “castanheiro grande” outros quatro ficariam a cargo da tarefa e de lá até ao cemitério seriam substituídos pelos quatro irmãos do falecido, alguns dos quais também já incluídos na lista de espera havia mais de um mês.

O cortejo fúnebre saiu do pátio ao som marcial dos sinos que o sacristão tocava com pouco ritmo. Dir-se-ia estar a dobrar a finados, mas de uma forma desarmoniosa, como se fosse um enterro de gente crescida. As advertências do pároco nesta matéria tendiam sempre a cair em saco-roto, como se o Tonho não fosse capaz de proceder ao arranjo musical de duas únicas notas, uma vez que o campanário só tinha dois sinos, embora de dimensões diferentes.

Logo atrás do caixão seguiam o pároco com os dois acólitos, a mãe com as vizinhas e os quatro filhos com a irmã mais velha, que chorava copiosamente. Gostava do irmãozito como se fosse seu filho e não era segredo para ninguém que, tirando o peito que a mãe lhe dava, o resto do trato estava a seu cargo. A seguir vinham os alunos, alguns de comportamento pouco adequado, que apostavam no prolongamento do enterro para justificar o cancelamento das aulas na parte da tarde.

Na cauda da procissão, um pouco alheios à cerimónia, marchavam a professora, o regedor e o guarda-rios, ex-universitário encalhado entre um passado recente de inaptidão académica e um futuro precário como lavrador abastado. A não ser que, com as terras, herdasse também do pai a argúcia para a usura, que praticava sem remorsos, nem moderação.

— Este ano foi um fartar-vilanagem, com bogas e trutas à compita para não ficarem fora da rede! — deixou sair o fulano, tentando aliciar os outros dois para uma conversa banal que não chegou a arrancar. Tentou de novo — Desde o Dão ao Mondego, e mesmo no Távora, segundo amigos meus, não havia mãos a medir...

O regedor acenava com a cabeça, desconfortável com a saída do ricalhão, mas receoso de o ofender com um mutismo absoluto. Afinal ninguém estava livre de um aperto financeiro e era sabido que o pai dele cobrava os juros consoante as simpatias. Então, sem ser bajulador, mas não de todo imprudente, concordou que, de facto, o ano tinha sido bom para a pesca no Vale do Dão, embora lamentasse o uso de embude por certos fulanos sem escrúpulos.

— Segundo ouvi dizer, em Penalva do Castelo, uns canalhas quaisquer das redondezas chegaram a usar bombas de foguete num açude abaixo da vila e foi uma mortandade... pequenos e grandes!

Calou-se. “Se calhar falei demais”, pensou. De maneira nenhuma se podia dar ao luxo de criticar o guarda-rios. Esperou que a professora dissesse qualquer coisa de maneira a facilitar-lhe a saída da conversa e não teve que esperar muito.

— Estes crimes, que levam à destruição da fauna dos nossos ribeiros e rios, porque não poupam as rãs, nem cobras, nem enguias, deviam ser severamente punidos. Que diabo se passa com vocês que não apanham esses canalhas?

O jovem ex-universitário, filho da casa mais abastada da freguesia, muito dado a frivolidades como passatempo e guarda-rios sem vocação, achou o protesto da professora ofensivo, como se fosse um ataque pessoal. E talvez fosse essa a intenção da educadora que não obstante visita frequente da mansão familiar, onde a mãe dele começava